

**A DIALÉTICA DA FRONTEIRA:  
a dinâmica entre comunidades tradicionais e a expansão da modernidade na microrregião de  
Dianópolis (TO)**

**Stefanne Carolinne Melo Póvoa<sup>1</sup>, Maria Lívia Rodrigues Valadares<sup>2</sup>, Michell Leonard Duarte de Lima  
Tolentino<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do curso técnico em informática integrado ao Ensino Médio – IFTO Bolsista do ICJ. E-mail <stefanne.carol@gmail.com>

<sup>2</sup>Pedagoga, orientadora educacional do Campus Dianópolis – IFTO – E-mail <[maria.valadares@ifto.edu.br](mailto:maria.valadares@ifto.edu.br)>

<sup>3</sup>Docente do Campus Dianópolis – IFTO -e-mail <[michell.tolentino@ifto.edu.br](mailto:michell.tolentino@ifto.edu.br)>

**Resumo:** Este estudo objetivou refletir acerca da dialética das contradições espaciais recriadas a partir do encontro de práticas/racionalidades modernizantes – sobretudo aquelas decorrentes do avanço da fronteira agrícola - e práticas/racionalidades tradicionais no espaço agrário da microrregião de Dianópolis. Alguns pesquisadores, como Fornaro (2012), apontam a substituição da pecuária pela monocultura de soja no Tocantins atualmente. Dentre as principais microrregiões produtoras de soja está a microrregião de Dianópolis. Contudo ao mesmo tempo que a monocultura de soja avança, a microrregião de Dianópolis possui 57.388 ha ocupados por comunidades remanescentes de quilombola, daí se depreende um encontro entre formas de ser e de produzir modernas e formas de ser e produzir tradicionais. Para realizarmos esta pesquisa utilizamos alguns procedimentos metodológicos, como: a) revisão bibliográfica; b) levantamento de dados quantitativos e c) pesquisa direta nas comunidades de remanescentes de quilombo do Baião e de Poço D’Anta. Por fim, percebemos que a microrregião de Dianópolis passa por um importante processo de urbanização enquanto expressão espacial da modernização e que a dialética modernidade-tradicional tem engendrado transformações no modo de vida quilombola, que longe de levar a sua extinção apontam para uma dialética da resistência do tradicional frente ao moderno.

**Palavras-chave:** fronteira agrícola, modernidade, tradicional

## **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo teve como seu principal objetivo refletir acerca da dialética das contradições espaciais recriadas a partir do encontro de práticas/racionalidades modernizantes – sobretudo aquelas decorrentes do avanço da fronteira agrícola- e práticas/racionalidades de comunidades tradicionais no espaço agrário da microrregião de Dianópolis

A microrregião de Dianópolis situa-se na mesorregião Oriental do Tocantins, no sudeste do estado, sendo composta por um total de 20 municípios. Esta microrregião, assim como todo o estado do Tocantins, tem tido sua dinâmica espacial amplamente modificada em decorrência da lógica modernizante, principalmente em virtude do avanço da fronteira agrícola.

Ainda na década de 50, com a perspectiva da construção da estrada Belém-Brasília, a dinâmica territorial do então norte de Goiás se alterou, modificando-se por completo quando finalizada a rodovia ainda na década de 60. Essa rodovia alterou o sentido “espontâneo” das frentes

de expansão do “norte” de Goiás, como coloca Figueiredo (1989). Agora os fluxos populacionais que correm para o que viria a ser o estado do Tocantins, não são necessariamente resultados de um transbordamento de atividades extensivas. Eles agora projetam a privatização da terra e a mercantilização generalizada da economia regional, ocorridas com o avanço da fronteira agrícola (FIGUEIREDO, 1989). Os antigos sistemas de roças, o extrativismo vegetal, a pecuária em sistema comunal foram sendo desmantelados pela dinâmica capitalista no campo, projetando a incorporação privada da terra por meio tanto da expansão de grandes estabelecimentos rurais, como também da adoção do trabalho assalariado em substituição às formas tradicionais de relação de trabalho. (AJARA ET AL., 1991).

Atualmente, alguns pesquisadores, como Fornaro (2012), vem apontando a expansão da monocultura de soja no estado do Tocantins enquanto vetor de expansão da lógica modernizante no território.

Ao iniciarmos nossos estudos acerca do fenômeno da expansão da modernização, sobretudo em função da sojicultura na microrregião de Dianópolis, uma questão nos causava espanto: o fato do espaço agrário desta microrregião ser, em grande parte, habitado por indivíduos que se identificam como remanescentes de quilombolas. Para se ter uma ideia, 57.388 hectares desta microrregião estão ocupados por estas comunidades. Se considerarmos esta área em relação à área de toda a microrregião, Dianópolis possui a maior área quilombola em relação a sua área territorial dentre todas as microrregiões do Tocantins.

Dessa maneira, há na microrregião de Dianópolis alguns elementos interessantes para a reflexão. Enquanto as numerosas comunidades correspondem a uma racionalidade e prática historicamente tradicionais, a consolidação da fronteira agrícola – por meio da expansão da sojicultura – marca um avanço de uma racionalidade instrumental, característica da modernidade. Estes elementos nos fizeram ir a campo para compreendermos de que maneira esta conflitualidade entre o moderno e o tradicional estava posta.

## **2. METODOLOGIA**

Selecionamos duas comunidades: a comunidade de Baião e a comunidade de Poço D’Anta. Ambas as comunidades se situam no município de Almas, pertencente à microrregião de Dianópolis.

As comunidades foram selecionadas tendo em vista algumas informações que tivemos previamente. Desde o início nos foi relatado que os seus moradores estavam em um franco

processo de migração para a cidade, sendo que alguns voltavam para as comunidades sazonalmente. Foi-nos contado também, que este movimento migratório se fortaleceu nos últimos anos. Além disso, proprietários das recentes fazendas de soja, daquela área, haviam cercado suas propriedades, proibindo os moradores das comunidades de continuarem criando seus animais soltos, como sempre foi hábito, gerando assim uma modificação no modo de vida dos remanescentes de quilombola. A partir disso, questionamo-nos se o processo de migração abordado não estaria relacionado ao avanço da monocultura tecnificada de soja e até que ponto a modernização havia impactado no modo de vida das populações tradicionais daquela microrregião.

Para realizarmos esta pesquisa utilizamos alguns procedimentos metodológicos, como: a) revisão bibliográfica; b) levantamento de dados quantitativos e c) pesquisa direta nas comunidades de remanescentes de quilombo do Baião e de Poço D'Anta.

### **3. COMUNIDADES TRADICIONAIS NA MICRORREGIÃO DE DIANÓPOLIS: UM ESTUDO DAS COMUNIDADES DO BAIÃO E DE POÇO D'ANTA.**

Ao realizarmos nossos primeiros trabalhos de campo, ainda em outubro de 2016, o fluxo migratório do campo em direção à cidade se confirmou nas falas dos camponeses:

**Entrevistador:** A senhora teve quantos filhos?

**Dona Lúcia<sup>1</sup>:** 5 filhos.

**Entrevistador:** Qual a idade de cada um?

**Dona Lúcia:** Vou falar as datas que é mais fácil (risos). Uma é de 83, a Fernanda é de 83, Fabiano de 85, Roberta de 87, Marinalva de 90, Luzia de 93.

**Entrevistador:** E os seus filhos? Quantos moram hoje lá na comunidade? Tem algum?

**Dona Lúcia:** Não

**Entrevistador:** Todos estão morando na cidade?

**Dona Lúcia:** Todos estão morando na cidade.

**Entrevistador:** Em quais cidades eles moram?

**Dona Lúcia:** Fernanda, Fabiano e Luzia moram em Palmas. Roberta mora aqui em Almas e a Marinalva está morando em Goiânia, mas já está vindo para Palmas. (Depoimento de Dona Lucia, remanescente de quilombola, outubro de 2016)

Deste modo, as falas dos “quilombolas” reafirmavam aquilo que de início tínhamos sido informados: que havia uma forte migração do campo em direção à cidade nas comunidades pesquisadas. No entanto, ao contrário das nossas primeiras expectativas, a migração não guardava relação direta, tão somente, com a mecanização do campo e uma possível falta de trabalho nas grandes propriedades. Tal fato ficou patente quando, nas entrevistas, os quilombolas falavam:

**Entrevistador:** Qual foi a época que se mudaram?

<sup>1</sup> Os nomes dos camponeses foram alterados nas transcrições destas entrevistas tendo em vista resguardar o anonimato das suas informações.

**Henrique:** Nós nascemos aqui, nascemos e nos criamos aqui. Depois de criados, fomos estudar e saímos.

**Entrevistador:** Foi para estudar o ensino médio ou saíram antes?

**Henrique:** Uns foram para o ensino médio, outros não.

**Entrevistador:** Todo mundo começou a sair por causa da escola?

**Henrique:** Exatamente. (Depoimento de Henrique, remanescente de quilombola, março de 2017).

Os depoimentos transcritos são apenas exemplos de quase todos os depoimentos que tivemos entre as famílias remanescentes de quilombola. A saída da comunidade havia se dado no momento em que os mais jovens tinham de dar prosseguimento aos seus estudos. Na grande maioria dos casos, a saída para a cidade de Almas não seria a última vez que migrariam. Porém também não retornariam para as comunidades para fixar moradia novamente. Após concluídos os estudos do ensino médio, uma grande parte daqueles jovens remanescentes de quilombolas que migrou, continuou migrando para cidades maiores em busca de trabalho. No entanto, o modo como foram introduzidos no mundo do trabalho das grandes cidades quase sempre se dava por meio de atividades de baixa remuneração. Voltando ao depoimento de Dona Lúcia, esta realidade se coloca na sua fala:

**Entrevistador:** Luzia só terminou os estudos e foi embora?

**Dona Lúcia:** Não, nem terminou.

**Entrevistador:** Lá em Goiânia ela trabalha?

**Dona Lúcia:** Trabalha como doméstica.

**Entrevistador:** E no caso dos outros? Dos seus filhos que estão em Palmas? O Fabiano, a Luzia e a Fernanda. Eles trabalham?

**Dona Lúcia:** Sim, trabalham.

**Entrevistador:** E trabalham como?

**Dona Lúcia:** Luzia trabalha em uma papelaria, Fabiano trabalha de guarda e Fernanda trabalhava numa lanchonete, mas saiu agora do serviço. (Depoimento de Dona Lúcia, remanescente de quilombola, outubro de 2016).

Na verdade, ao refletirmos acerca do processo de migração, expresso nas falas dos quilombolas, temos um processo induzido pela modernização.

Kuhlmann Jr. (2001) ao refletir sobre a relação entre educação e modernidade aborda as Exposições Internacionais da Indústria e a maneira como a educação passou a ser exibida nessas exposições que ocorreram na segunda metade do século XIX:

elas prestigiaram a educação como um signo de modernidade, difundindo um conjunto de propostas nessa área, que abarcava materiais didáticos, métodos pedagógicos e diferentes instituições – da creche ao ensino superior, passando pelo ensino profissional e pela educação especial (KUHLMANN JR, 2001, p. 9)

As dimensões educativas das Exposições e dos Congressos delineavam uma “pedagogia do progresso” com o intuito de efetuar uma educação normativa para os mais diversos aspectos da vida social. (Cazelli e Franco, 2001, p. 04).

A educação, portanto, passa às escolas a partir de uma lógica modernizante, muitas vezes distanciada do contexto histórico-social do aluno. Se pensarmos nos modos de vida tradicionais, como o modo de vida dos remanescentes de quilombola, percebemos que uma educação que preza por ideias de progresso, enquanto sinônimo de civilização moderna, acaba conflitando com o modo de vida em questão.

O aumento progressivo da escolarização, quando esta se reveste de uma “Pedagogia do progresso”, inculca nesses jovens quilombolas, necessidades e aspirações por padrões de vida urbanos e industriais. Sendo estes padrões caracterizados e valorizados como modernos enquanto seu modo de vida passa a ser relegado a uma ideia de atraso.

Se antes, no interior do modo de vida quilombola, a escolarização formal, nos termos já colocados, não era valorizada, uma vez que não apresentava grande significância em seu modo de vida; atualmente, os jovens quilombolas passam a valorizá-la. Desta forma a modernidade e um determinado modo de viver característico do urbano são reforçados no campo. Um padrão de vida com aspirações e significações que se originam na cidade chega ao campo seja a partir da educação formal, seja a partir de ideias e valores transmitidos por meio de rádios e televisões, estes mesmos, objetos técnicos da modernidade. São novos objetos e hábitos que passam a compor o cotidiano dos quilombolas.

Contudo a inserção dos quilombolas na modernidade se reveste do signo da precariedade seja nas cidades ou no campo. Isto fica patente quando percebemos, como foi colocado nos depoimentos, que estes, na grande maioria das vezes, são empregados em trabalhos de baixa remuneração e até mesmo precários, como no caso das empregadas domésticas. Além do mais chegados nas cidades, estes passam a residir em subúrbios e periferias.

Uma outra questão que destacamos na nossa reflexão diz respeito ao seguinte: em um contexto de urbanização e modernização do território e de migração de tantos quilombolas para as cidades, haveríamos de pensar que o modo de vida ao qual aludimos neste trabalho está condenado ao desaparecimento pela incorporação dos quilombolas ao universo moderno, urbano e industrial. Entretanto os relatos colhidos em campo evidenciam uma situação diferente.

Na verdade, grande parte dos remanescentes de quilombola vive entre a cidade e o campo. Alguns fazem o trajeto entre a cidade e a comunidade semanalmente, outros mensalmente e ainda há outros sem periodicidade definida.

**Entrevistador:** Com qual frequência a senhora vai ao Baião?

**Roberta:** Estamos quase toda semana lá para realizar nossas reuniões. (Depoimento de Roberta, remanescente de quilombola, março de 2017)

**Entrevistador:** O senhor aqui na cidade se sente menos quilombola do que se estivesse com moradia fixa lá na terra?

**Seu Fernando:** Quase, pois não consigo participar 100% das reuniões por conta da distância, nem sempre podemos participar dos mutirões, dos movimentos. Mas de conhecimento de quilombola nada muda, continuo me reconhecendo.

**Entrevistador:** O senhor tem planos de voltar e se fixar no campo?

**Seu Fernando:** No dia em que nós conseguirmos ao menos água e um transporte de qualidade, eu penso em voltar, mas não tenho dia definitivo (Depoimento de Fernando, remanescente de quilombola, fevereiro de 2017)

**Entrevistador:** Hoje, qual a frequência com que você vai para lá?

**Dona Maria José:** Às vezes nos fins de semana, de 20 em 20 dias, de mês em mês (Depoimento de Dona Maria José, remanescente de quilombola, março de 2017).

Neste sentido, sem dúvida, a ida dos quilombolas para a cidade produziu transformações no seu modo de vida. Entretanto, não é verdadeiro colocarmos que a urbanização gerou o fim do modo de vida destes sujeitos. Um bom exemplo do que ocorre com os remanescentes de quilombo é a situação de Henrique, um dos entrevistados. Muito embora Henrique tenha ido para a cidade e tenha se tornado membro do Conselho Tutelar, ele também trabalha no campo e acaba administrando, junto com seus irmãos, uma pequena criação de animais e um roçado.

**Henrique:** Até hoje a gente é indo e voltando.

**Entrevistador:** O senhor vai e vem de mês em mês de semana em semana? Como é?

**Henrique:** De semana em semana, até duas a três vezes por semana nós estamos aqui.

**Entrevistador:** O senhor ainda planta, cria? Como é?

**Henrique:** Planto e crio também.

**Entrevistador:** É uma roça só para a família inteira?

**Henrique:** Isso.

**Entrevistador:** Os de lá (da cidade) ainda vem?

**Henrique:** Vem também, todos têm criação, igual você está vendo aqui. É nosso. De todo mundo (dos irmãos). Todo mundo tem, uns tem dois, outros tem três... outros 10... é assim. (Depoimento de Henrique, remanescente de quilombola, março de 2017)

**Entrevistador:** O senhor planta o que na sua roça.

**Seu Severino:** Planto mandioca, milho e arroz.

**Entrevistador:** É o senhor faz isso com seus filhos?

**Seu Severino:** Sim somos só nos três, mas de vez em quando colocamos alguns trabalhadores mas pagamos em forma de troca, pois faço parte da associação.

**Entrevistador:** Tem mutirão aqui ainda?

**Seu Severino:** Tem sim, e vem todo mundo que trabalha (Depoimento de Seu Severino, remanescente de quilombola, abril de 2017).

**Entrevistador:** O que vocês plantam aqui nessa terrinha?

**Dona Fátima:** Plantamos mandioca, arroz, feijão, milho.

**Entrevistador:** Tudo pra comer em casa ou vocês vendem alguma coisa?

**Dona Fátima:** Às vezes a gente vende, a farinha e mandioca, essas coisinhas assim, mas é mais para o nosso consumo (Depoimento de Dona Fátima, remanescente de quilombola, junho de 2017).

Nos trechos que transcrevemos vemos alguns elementos do modo de vida quilombola expressos, como por exemplo o trabalho feito de forma familiar baseada em uma economia de

excedentes, o mutirão, a troca de dias de trabalho entre os quilombolas, onde se reafirmam relações de solidariedade baseadas no parentesco e na vizinhança.

As relações de parentesco e vizinhança produzem regras internas no grupo baseadas em uma tradicionalidade da qual a oralidade é um fator bastante forte. A fala a seguir, quando Seu Pedro fala da divisão atual das terras, nos mostra esta questão da oralidade predominando sobre qualquer divisão de terras baseada em cercas

**Entrevistador:** Isso é uma diferença entre o fazendeiro, o grande de antigamente e o de hoje?

**Seu Pedro:** É, tem diferença demais. De primeiro não tinha isso, ficava tudo aí, não tinha “dividição.”

**Entrevistador:** De boca mesmo?

**Seu Pedro:** De boca.

**Entrevistador:** E nunca tinha dado problema e todo mundo se entedia?

**Seu Pedro:** Não, nunca deu problema. Agora que tá dando esse problema.

Seu Pedro ao falar sobre a divisão de terras expressa uma realidade que se iniciou com a chegada das fazendas de soja. Antes, até mesmo alguns grandes proprietários, que criavam bois de forma extensiva e sem uma racionalidade moderna, deixavam que os animais dos quilombolas passassem para as suas terras, os limites das terras não eram delimitados por cercas, embora todos soubessem dos limites e os respeitasse. Ocorria que antes os quilombolas e os grandes proprietários, apesar das diferenças, compartilhavam de alguns códigos internos.

Com a chegada dos atuais proprietários das fazendas de soja, códigos antes compartilhados pelos quilombolas e grandes proprietários das antigas fazendas de pecuária extensiva são quebrados. Esta questão se evidencia na fala de Dona Fátima:

**Entrevistador:** Existe alguma diferença desses donos de terra de antigamente, que faziam a festa, para os donos de terra de hoje?

**Dona Fátima:** Hoje é assim, os grandes vêm de fora, as pessoas de fora você não sabe como é a convivência. Antes, as vezes já eram pessoas que conviviam aqui com a gente.

**Entrevistador:** Mas conviviam como com vocês?

**Dona Fátima:** Às vezes era filho daqui... eles tinham aquele domínio de terra, que tinha condição, aí eles ficavam dono daquela terrona. Mas o de hoje ele compra e não vai ver quem que está aqui dentro e quem não está. (Depoimento de Dona Fátima, remanescente de quilombola, junho de 2017).

**Henrique:** Uai, a hora que eles chegam eles vêm com a lei lá de fora, com aquela agressão mais absurda do mundo. Não aceita as criações da gente, acaba tendo problema com negócio de criação (Depoimento de Henrique, remanescente de quilombola, março de 2017).

**Entrevistador:** Tem diferença dos grandes fazendeiros de antigamente para os de hoje?

**Dona Lúcia:** Tem... tem, e muita.

**Entrevistador:** Quais são as diferenças?

**Dona Lúcia:** Hoje eles só trabalham com máquinas, e antigamente não, era tudo aí aberto, os criadores também criavam na (terra) do outro. (Dona Lúcia, remanescente de

quilombola, outubro de 2016).

A fala de Henrique também demarca a “lei” dos fazendeiros de soja enquanto “lei lá de fora”, não criada a partir da tradicionalidade nem do lugar que habitam, mas a partir de relações estranhas ao contexto dos quilombolas. A modernização, na fala de Dona Lúcia, se expressa não apenas nas máquinas, mas também na quebra de tradições. Dona Lúcia faz a relação entre a chegada das máquinas e o fim da criação do gado solto, explicitando que esses dois elementos fazem parte de um mesmo momento. Quando as máquinas chegam, isto expressa mais que uma mera mudança na base técnica, modifica-se também as regras que regem a relação entre os homens, denotando-se assim a modernização do campo e a transformação do seu modo de vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à modernização, seja da base técnica da grande propriedade, seja das relações entre os homens, a tradicionalidade resiste na microrregião de Dianópolis, baseada não somente no mutirão, na agricultura de base camponesa, ou na troca de dias de trabalho, mas também na religiosidade de um catolicismo rústico e no saber-fazer do artesanato das mulheres, resistentes à uma invasão de produtos industrializados em suas casas, embora também adotem estes produtos.

Desse modo, a tradicionalidade do modo de vida quilombola se dialetiza com o moderno e com o urbano, transformando-se, mas também resistindo. O capital, sob o signo da modernidade, se reproduz no espaço geográfico sem necessariamente transformar tudo em seu igual, ocorrendo uma dialética contraditória entre o capital e os modos de vida mais tradicionais. Estes últimos resistindo, ainda que se transformando. Denota-se assim a fronteira enquanto lugar de diferentes racionalidades, temporalidades e territorialidades.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJARA, C, FIGUEREDO, A. H., BEZERRA, V. M. C., BARBOSA, J. G. O estado do Tocantins: reinterpretação de um espaço de fronteira. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 53 (4): 5 - 48, out./dez. 1991.

CAZELLI, S. FRANCO, C. . **Alfabetismo científico**: novos desafios no contexto da globalização. Trabalho & Educação (UFMG), v. 3, n.1 & 2, p. 145-159, 2001.

FIGUEIREDO, A. H. Alguns questionamentos acerca da organização do espaço na nova unidade da federação: o estado do Tocantins. In. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE. DGC, nº 8. 1992



FORNARO, A. C. **Logística e Agronegócio Globalizado No Estado De Tocantins: Um Estudo Sobre a Expansão das Fronteiras Agrícolas Modernas no Território Brasileiro.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2012.

KUHLMANN JÚNIOR, M. **As grandes festas didáticas:** a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922). Bragança: Editora da Universidade São Francisco, 2001.